

VIDA LONGA AO REI! O PODER NO TABULEIRO DO JOGO DE XADREZ E O PANOPTICON, DE BENTHAN

Michelle de Sousa Bahury*

Resumo: Este artigo busca refletir sobre os estudos das relações de poder de Foucault a partir da metáfora do *panopticon* de Benthan, filósofo utilitarista inglês, e as relações de vigilância presentes no tabuleiro do jogo de xadrez. A fim de compreender esse cenário, apoiamos-nos em leituras de Michel Foucault sobre o poder disciplinar em *Vigiar e Punir* e *Microfísica do Poder*. Sem desejar apresentar uma teoria geral, o estudo busca exemplificar como a dominação por aquele que detém o poder condiciona o círculo social em que se insere. Além de relacionar o poder disciplinar com a Idade Média, período a que o jogo de xadrez replica, o panoptismo é um dos traços característicos da atual sociedade capitalista, na qual os indivíduos são vigiados, punidos, recompensados e normatizados. Neste contexto, nosso propósito não é de anular o poder para evitar a punição, mas o de saber como movimentar as peças de um jogo, que estarão permanentes nas relações de poder em uma sociedade.

Palavras-chave: Panoptismo. Poder disciplinar. Sociedade capitalista. Punição

Abstract: This article aims to reflect on the studies of Foucault's power relations from the panopticon metaphor of Bentham, English philosopher, and surveillance relations present in the chess board game. In order to understand this context, this study is supported by Michel Foucault's readings about the disciplinary power in "Discipline and Punish" and "Microphysics of Power". Without wishing to present a general theory, the study aims to illustrate how the domination by one who holds the power, conditionates the social circle in which he is inserted. In addition to relating the disciplinary power and the Middle Ages, the period which the chess game replicates, the panopticism is one of the characteristics of modern capitalist society, when individuals are monitored, punished, rewarded and regulated. In this context, the search purpose is not to invalidate the power to avoid punishment, but to know how to move the pieces of a game, which will be permanent in power relations of a society.

Keywords: Panopticism; disciplinary power; capitalist society; punishment

INTRODUÇÃO

O filósofo francês Michel Foucault, dentre os seus muitos estudos, analisou como uma teoria do poder era presente em uma sociedade disciplinar, buscou elaborar uma explicação que tornasse o conhecimento sobre o poder acessível às discussões por ora vigentes. Na direção de seu pensamento, teoria de poder seria um conjunto de regras metodológicas, a partir das quais se podem formular hipóteses, e que estas se podem configurar em uma forma de pesquisa.

* Mestre em Letras pela UFMA; professora do Instituto Federal do Maranhão – IFMA, Campus Barreirinhas. michellebahury@gmail.com.

Ao longo de seus estudos, Michel Foucault concluiu que o poder só poderá existir imbricado em uma rede de filiações. Ou seja, é preciso que um grupo de pessoas entre em contato para que as práticas sociais façam circular um poder. Por isso, o referido autor não define o que seja o poder isoladamente. Para ele, o objetivo de suas análises é estabelecer relação entre os saberes sociais e as regularidades que individualizam formações discursivas.

Para continuar seus estudos sobre a história das prisões, quando o poder de quem está enclausurado e de quem enclausura apareceu para ele como uma técnica própria de controle, Foucault utilizou-se do exemplo do *panopticon* de Bentham e do jogo de xadrez, empreendendo comparação entre o poder existente na sociedade medieval e a do século XXI.

A figura da prisão se assemelha à da movimentação das peças do xadrez por algo comum: a existência de poder. É o poder que faz a prisão funcionar, existindo quem ocupa o lugar do vigia e o lugar do encarcerado. De forma semelhante, o poder se estabelece no tabuleiro do xadrez mediante a figura do rei que, silenciosamente, determina quem e como deverá poupar a sua vida avançando em território inimigo.

Esses pontos de contato nos levam a uma reflexão da sociedade atual, ora pelo *panopticon*, ora pelo jogo, pois a movimentação na tentativa de vencer o jogo ou ganhar a liberdade da prisão é sempre acompanhada da vigilância de um “olho do Poder” apresentado em *Microfísica do Poder* (2015).

As relações de poder em Foucault

Compreender como o poder se instala na sociedade e tentar visualizar suas formas não tem sido tarefa fácil. De fato, discussões acerca desse assunto são cheias de questionamentos que originam sempre outros. Mas uma coisa é certa: o poder não existe. E, segundo Foucault (2015), o que existe são práticas de exercício de poder que se regulam em forma de legalidade.

Foucault, em duas fases importantes de sua obra, a arqueológica e a genealógica, já se ocupava sobre o poder disciplinar, mas ainda não de forma tão contundente como o fez em *Vigiar e Punir* (2002) e *Microfísica do Poder* (2015). Poder, para o filósofo, consiste em uma forma de controle social sistemático que pode ser

estabelecido por classificação, vigilância e seleção, entre outros modos de controle, que são impregnados na sociedade por um poder central que se articula com outros poderes. Assim, o poder é um embate de forças entre os indivíduos de uma sociedade que ora o detêm, ora sofrem sua ação.

Para que o poder exista, é necessário que se tenha um grupo permeado por práticas sociais que tratem de ramificar essas relações para todo o corpo social. “O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como riqueza ou bem” (FOUCAULT, 1992, p. 183). Portanto, não há a tentativa de definir uma teoria geral do poder, mas de entender como esse poder se manifesta nos indivíduos e nas instituições sociais.

Em uma sociedade disciplinar, um sujeito é selecionado e classificado mediante suas características, as quais possam ser mais facilmente controladas para o “bem” do corpo social. Foucault (2015) coloca essa questão a partir da vigilância, pois aquele que não se enquadra nas regras daquele que possui o poder é punido. Ir contra algo estabelecido como padrão é agir conscientemente, pois um indivíduo que se coloca do lado oposto da maioria concordante da sociedade, sabe mais ou menos o que está fazendo e, por isso, será de alguma forma marcado com penalidades que evitem a dispersão dos ideais do grupo dominador.

Enquanto Foucault (1992) investigava a história das prisões, analisava como se davam as relações de poder quando o encarcerado poderia ser entendido como o dominado, através de uma tecnologia de controle. É importante citar que esse poder ficou conhecido como disciplinar e o seu controle poderia ser realizado em diversas instituições como escolas, hospitais, igreja ou fábricas.

O uso das “tecnologias das disciplinas” foi baseado no modelo do *panopticon* do filósofo inglês Jeremy Bentham (1748-1832) que idealizou um tipo de prisão cuja arquitetura era em forma de anel com uma torre no centro. A vigilância dos prisioneiros poderia ser feita por um único vigia, que via tudo de apenas um lugar sem ser visto. Corroborando com a ideia de poder disciplinar, Bentham apresentou sua arquitetura como “fechada e perfeita” pelo fato de esse modelo poder ser aplicado em diversas instituições.

A eficácia do *panopticon*, segundo seu criador, era baseada na ideia de causar um efeito de vigilância nos prisioneiros que, mesmo sem ver se estavam sendo vigiados, estes se autovigiavam passando a ter uma sensação de controle e não agindo contrários às regras. Logo, essa se constituiu como uma forma de poder que não era pela força, mas por:

Uma sujeição real nasce mecanicamente de uma relação fictícia. De modo que não é necessário recorrer à força para obrigar o condenado ao bom comportamento, o louco a recorrer à força para obrigar o condenado ao bom comportamento, o louco à calma, o operário ao trabalho, o escolar à aplicação, o doente à observância das receitas. (FOUCAULT apud VALVERDE, 1997, p. 14).

O poder, representado no *panopticon*, pode ser explicado a partir de quatro fatores, segundo Roberto Machado, no prefácio de *Microfísica do Saber*: a disciplina é um tipo de organização do espaço e, por isso, ela não necessita acontecer em um local fechado para se realizar. Seguidamente, a disciplina é um controle do tempo. E o interesse reside não só no resultado de uma ação, mas em torno de seu processamento, “articulando corpo com o objeto a ser manipulado”; o terceiro seria a vigilância, um aspecto central de instrumento de controle. Uma vigilância que seja visível e que alcance os locais mais “escuros” do pensamento do indivíduo para se manter em alerta e, mais que isso, sinta o poder da vigilância; e, por último, a disciplina, que se funde aos três fatores anteriores e que “ao mesmo tempo que exerce um poder, produz um saber” (FOUCAULT, 2015, p. 23).

Se olharmos o sistema social a partir do panoptismo, entenderemos o mesmo como um jogo de poder, onde aquele que vigia impõe controle para que determinadas regras sejam consolidadas e padronizadas. A vigilância, dentro do sistema disciplinar, é a tentativa de atingir a totalidade, a constância e a pretensão da continuidade.

Disciplina para Foucault é também adestramento. É penalizando quem não segue as regras do jogo, que se dá exemplo para que os demais sintam o poder do controle. Uma vez adestrado, este será útil e submisso ao sistema que se impõe, contribuindo para o equilíbrio e a ordem. Nesse processo, penalidade e disciplina são necessárias ao condicionamento social.

Em *Vigiar e Punir*, Foucault afirma que para o bom funcionamento do *panopticon*, esse poder deve: “adquirir o instrumento para uma vigilância permanente, exaustiva, capaz de tornar tudo visível, mas com a condição de se tornar ela mesma invisível. Ou seja, deve ser um olhar sem rosto que transforme todo o corpo social em um campo de percepção”. (FOUCAULT, 2002, p. 177).

Utilizar-se do *panopticon* é entender que se vive em uma sociedade em que se vigia e é vigiado pelo “olho do poder”. Em *Microfísica do Saber*, “trata-se de um aparelho de desconfiança total e circulante, pois não existe ponto absoluto. A perfeição da vigilância é uma soma de malevolências” (FOUCAULT, 2015, p. 122).

Não há sociedades em que não haja relações de poder. Essas relações são controladas muito mais fortemente se forem “visíveis” e “invisíveis”. O poder é que legitima o regime de verdade nas sociedades. Assim, verdade seria poder, e poder a veiculação e cristalização dos conceitos tidos como verdade. Toda constituição de saber está associada ao exercício do poder. Em cada período histórico, as sociedades promoveram e promoverão o nascimento e a difusão das verdades de cada instituição. Fazer parte de uma instituição é acreditar em seu regime de verdade e sucumbir a seu poder. O saber é a garantia de ocupação de um espaço de poder (FOUCAULT, 2015).

Foucault prefere usar o termo regime de verdade ao de ideologia. E afasta três concepções para a não utilização do último termo. Inicialmente a de que ideologia estaria sempre em oposição a algo que é verdade; a de que se refere a algo em relação a um sujeito; e a de que estar em alguma posição secundária a algo que deve funcionar como macroestrutura para ela.

Desse modo, aceitar a verdade de uma sociedade é inconscientemente sucumbir ao poder dela. Ser selecionado, classificado e avaliado por ela. Ter sido seduzido a fazer parte deste jogo de verdade e dar aderência à ideia de poder ofertada e, mais ainda, ampliar sua possibilidade de congregar novos adeptos. Quanto mais indivíduos concordarem com um regime de verdade em comum, mais facilmente outros concordarão. A relação de verdade é uma relação de poder e de troca.

Teremos sempre dois lados da moeda, o rei e o súdito, e é exatamente o exercício do poder que vai designar quem é o rei e quem é o peão. As regras disciplinares garantem a ‘aceitação’ da disciplina daquele que

impõe seu poder. Manter uma certa regularidade é sinônimo de menos heterogeneidade do corpo social que se pretende disciplinar. Foucault afirma que: Onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui (FOUCAULT, 2015, p. 401).

Em *Vigiar e Punir*, Foucault discorre detalhadamente sobre o poder disciplinar e atribui para o seu sucesso o uso das seguintes técnicas: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e o exame. Assim, para Foucault (2002, p. 138) a “disciplina não é mais simplesmente uma arte de repartir os corpos, de extrair e acumular o tempo deles, mas de compor forças para obter um aparelho eficiente”.

O olhar hierárquico consiste na relação entre a figura de poder que um sujeito assume. É como se as ações de uma determinada posição exigissem uma atitude de poder específico. Ao passo que a sanção normalizadora, que acontece de forma complementar ao olhar hierárquico, consiste como um minitribunal, o qual julga e penaliza os não condizentes às regras. Assim, o castigo disciplinar tem a função de reduzir os desvios e, portanto, deve ser essencialmente corretivo.

Por outro lado, o exame incide em uma vigilância que é feita a partir da classificação e punição. Dito de outra forma, o exame é uma maneira de penalizar ou gratificar aquele que sofre a ação do exame, que constitui unidade com os dois dispositivos anteriormente citados. Assim o exame:

Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são sancionados. É por isso que, em todos os dispositivos de disciplina, o exame é altamente ritualizado. Nele vêm-se reunir a cerimônia do poder e a forma da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento da verdade. [...] nessa técnica delicada estão comprometidos todo um campo de saber, todo um tipo de poder (FOUCAULT, 2002, p. 154).

Em outras palavras, Foucault deixa escapar que, a partir do *panopticon* de Bentham, a autovigilância ocorre como um efeito inibidor da própria natureza humana de tentar se opor ou agir contrariamente, caso não esteja sendo vigiado. Esse pensamento aparece como uma possível explicação para uma sociedade que tanto busca mudanças.

Como propô-las se existe um sistema de controle, quando as oposições que um sujeito ocupa se referem na própria disputa de poder, por quem possui e quem não possui?

O jogo de xadrez pelo jogo de poder

O *panopticon* a que Foucault se refere é uma maneira de como o ser humano consegue transferir visualizando o funcionamento do poder em dispositivos que replicam a realidade. Por isso, ao tratarmos desse contexto de vigilância, veio à tona a existência de jogos que relacionam o poder entre dois lados ou mais disputadores. A exemplo, tomemos o jogo de xadrez, o qual é também conhecido como um jogo de estratégias.

No período medieval, imagem que o xadrez representa, a visibilidade do poder é marcada pelo soberano, ou seja, quem exerce a soberania é quem consecutivamente ocupa os cargos de mais alto poder. A visibilidade do poder acontece a partir de uma relação em que o rei, na figura de poder e controle, hierarquiza aqueles que não exercem o seu domínio. O poder disciplinar, tomando como exemplo o jogo de xadrez, busca seu método de exercício no silêncio e nem por isso é menos eficaz.

Há algumas semelhanças entre a arquitetura de *panopticon* de Bentham e o xadrez, assim como suas dinâmicas de funcionamento. O *panopticon* possui torres, local onde se encontra o vigia, da mesma forma que o xadrez tem uma peça chamada “torre”. A torre do xadrez representa os palácios, uma fortaleza relacionada à outra, a Igreja Católica no auge de sua supremacia no período medieval e, por isso, um controle sobrecomum na vida das pessoas nos eixos religiosos, sociais, econômicos e políticos. É o “olho do poder” do *panopticon* que vigia incessantemente as atitudes dos indivíduos e cria artifícios de penalidade, como a Santa Inquisição, para impedir as pessoas de fazerem o “mal”.

Falar de Idade Média é trazer à discussão a figura da Igreja representada pelo bispo do xadrez. Ou seja, é tratar de poder. A Igreja não possuía apenas poder religioso. Seu poder, em uma época de sociedade feudal, ia de grandes extensões de terras doadas por cristãos em busca de salvação divina à posição estratégica ao lado do rei de uma nação. Os reis respeitavam o poder da Igreja e essa, por sua vez, dependia deles para sua proteção. De fato, a Igreja dominava os setores mais importantes de uma sociedade como o político, o econômico e o cultural.

A movimentação de cada peça no tabuleiro determina qual rei deverá sofrer um xeque-mate. E é quase sempre do lado do rei que o bispo reproduz a realidade medieval, servindo de conselheiro à coroa em troca de proteção. Jogar xadrez é usar estratégias para lograr permanência no poder ou sucumbir a ele.

O olhar vigilante torna o vigiado um ser desconfiado consigo mesmo e com os outros. Vigiar é necessário para prever o próximo passo do exército oponente. Vigiar constantemente para proteger o rei é vigiar para que o oponente perca a capacidade de fazer o “mal”.

O confronto representado por dois exércitos no tabuleiro utiliza um poder que “mata” os que estiverem em posição desfavorável na tentativa de proteger o rei, como o peão. Ao passo que o poder de um olhar mata a vontade daquele que tem que se tornar, senão dócil.

E por que trazer o peão à discussão? Porque a sociedade medieval disciplinava que os soldados, que representavam a massa, deveriam ir na frente das batalhas para poupar a vida do rei. Os peões iniciam sempre na primeira linha de combate no xadrez e na vida real. E na retaguarda resta o rei, que vigia do alto da torre central a movimentação das outras peças. É deveras uma posição privilegiada da “batalha”.

Mas antes de chegar ao rei, há algumas celas para serem visitadas. As demais peças do xadrez, como o cavalo e até mesmo a rainha, devem proteger o poder principal: o rei. É na confluência do olhar do rei da torre central que:

O poder não é substancialmente identificado com um indivíduo que o possuiria ou que o exerceria devido ao seu nascimento; ele se torna uma maquinaria de que ninguém é titular. Logicamente, nessa máquina, ninguém ocupa o mesmo lugar; alguns lugares são preponderantes e permitem produzir efeitos de supremacia. De modo que eles podem assegurar uma dominação de classe, à medida que dissociam poder de domínio individual (FOUCAULT, 2015, p. 332).

O posicionamento das peças no tabuleiro segue regras específicas diante de sua arquitetura. Dois exércitos que duelam até atingir o rei oponente avançam de modo específico, onde cada peça possui ao mesmo tempo uma movimentação e uma limitação, com exceção do rei. Até na representação da sociedade medieval, as peças são talhadas de modo a esculpir um rei que apresente um porte mais alto que todas as outras peças.

Logo, o grau de importância e o tamanho das peças decrescem do rei ao peão. Esse último, tão útil e tão descartável. Já no *panopticon*, fazer a luz atravessar um lado ao outro da cela é dar ao vigia a visibilidade de sua movimentação no tabuleiro, um olhar mobilizante.

Até mesmo Foucault questiona se perante tal poder disciplinar não haveria revolta. Vê-se que, mesmo com duras penalidades, há os que decidem tomar um caminho diferente. A exemplo, temos o caso do rei inglês Henrique VIII que, diante da negativa de anulação de seu casamento pela Igreja Católica, decide romper com a mesma e, após ser excomungado pelo Papa, funda a sua própria igreja, a Anglicana, para responder a anseios pessoais de poder. Por isso:

É preciso analisar o conjunto das resistências ao panopticon em termos de tática e de estratégia, vendo que cada ofensiva serve de ponto e apoio a uma contra-ofensiva. A análise dos mecanismos de poder não tende a mostrar que o poder é ao mesmo tempo anônimo e sempre vencedor. Trata-se ao contrário de demarcar as posições e os modos de ação de cada um, as possibilidades de resistência e de contra-ataque de uns e de outros (FOUCAULT, 2015, p. 341).

Falar em ataque é usar o discurso como relação de estratégias. E mesmo nesse contexto, o peão enquanto trava uma batalha em prol de seu rei, pode progredir no jogo para um bispo, uma torre, um cavalo ou uma rainha, mas, indiscutivelmente, nunca poderá vir a ser o rei. Olhando do *panopticon*, cabe a pergunta: algum prisioneiro pode progredir para o cargo de vigilante da torre? A respeito disso, Foucault (2015, p. 334) concluiu sobre Bentham que:

Ele não pode confiar em ninguém à medida que ninguém pode ou deve ser aquilo que o rei era no antigo sistema, isto é, fonte de poder e justiça. A teoria da monarquia o exigia. Era preciso confiar no rei. Por sua própria existência, desejada por deus, ele era fonte de justiça, de lei, de poder.

De alguma forma, o peão que não vira rei faz parte de um regime de verdade social que não vincula a imagem de um a outro. O peão é aquele indivíduo que nunca fala por si só até porque ele mesmo não se acha apto para isso. Uma vez que ele venha a ser dono de sua própria verdade, a sociedade o veria sob outro ângulo.

A não concordância com o poder ora estabelecido pode gerar relutância. E se há a possibilidade de revolta, poderia existir a de anulação das regras do xadrez e de

vigilância pelo “olho do poder” do *panopticon*. Mas, por outro lado, vemos que o sistema de relações de poder é constituinte de relações de dependência entre o que domina e o que é dominado e, por isso, Foucault (2015, p. 343) acredita ser possível os prisioneiros apoderarem-se da torre: “Contanto que esse não seja o objetivo final da operação. Os prisioneiros fazendo funcionar o dispositivo pan-óptico e ocupando a torre – você acredita então que será muito melhor assim que com os vigias?”

E se os prisioneiros dominarem a torre, serão eles os contadores da história. A história é contada pelos vencedores. O discurso final será adequado a quem se apossar do que encontrar, instituir um poder e, utilizando-se dele, contar ou “maquiar” os fatos ocorridos. O poder será revelado através de quem praticar essa relação de modo soberano.

Parece impossível pensar em uma instituição sem poder, ou o xadrez sem o rei. Se não há o dominador, não cabe a existência de um súdito. Essas posições são coexistentes em uma sociedade em que algumas coisas são possuídas por uns e não por outros. Sem o poder, como pode o rei obter a obediência de quem domina? Ou sem o poder, como podemos chamá-lo de rei?

Mas o *panopticon* ou o jogo de xadrez não representa apenas figuras medievais ou aprisionamentos como os descritos até aqui. Eles são atemporais e também espelham a sociedade moderna do século XXI que, diferentemente de séculos anteriores, quando os indivíduos optavam pela discricção, reagiam muito bem ao serem vigiados pelo “olho do poder” ou as regras do rei. É uma exposição humana exagerada que tem feito, por exemplo, um indivíduo ser uma pessoa perante a vigilância, e aparentar ser outra quando não sofre a sua ação.

O pensamento de Foucault surge como um dos mais preponderantes na tentativa de compreensão do saber e poder que constituem um corpo social atualizado em seu marco histórico. O sujeito dessa história, ao transformar sua realidade, atualiza a luta de forças presentes no cenário da busca do poder. Os espaços atuais, assim como o jogo de xadrez, replicam a realidade vigente do sujeito em questão. Portanto, é possível que uma sociedade moderna seja panópticamente controlada.

A vigilância tratada na época moderna é feita, muitas vezes, de modo proposital. Dito de outra maneira, é querer ser visto para que a sua imagem, normalmente de bem-estar, influencie a daquele que o vê. É uma dominação com base na ideia de que

alguém precisa saber como o outro deve estar. Porém, a imagem divulgada nem sempre condiz com a realidade ou verdade.

Aparentar ser ou estar “bem” é uma tentativa de dominação perante aquele que não está “bem”. Esse poderá sentir-se inferiorizado diante da supremacia de quem se mostrar melhor. Definir o que é melhor ou pior sempre dependerá de um ponto de vista, da mesma forma que o poder pode ser entendido como uma força benigna ou maligna. A maculação da ideia “certa” será de acordo com quem estiver no comando. Foucault (2015) explica que o poder não carrega consigo apenas visões negativas, como o poder de controle e submissão, quando discute sobre a ideia de repressão.

Me parece que a noção de repressão é totalmente inadequada para dar conta do que existe justamente do produtor no poder. Quando se define os efeitos de poder para repressão, tem-se uma concepção puramente jurídica deste mesmo poder, identifica-se poder a uma lei que diz não (FOUCAULT, 2015, p. 319).

O comportamento repressor também é marca característica de uma sociedade capitalista que também pode ser vista a partir do *panopticon*. Vigiar, reprimir, recompensar para disciplinar, faz com que o indivíduo da sociedade moderna seja controlado da mesma forma que o da Idade Média. O que parece mudar são as representações das peças de xadrez, onde o rei seria o Estado e o peão a massa trabalhadora. No alto da torre central ainda há o vigia que cumpre sua função sem ser visto, ou os meios de divulgação das ideias a serem concebidas como regime de verdade. O indivíduo moderno continua jogando em um tabuleiro duelando diariamente para conquistar o espaço do adversário.

A dominação silenciosa, por exemplo, dos meios de comunicação da sociedade moderna, cria no indivíduo a necessidade de consumir algo que não ele sujeito de fato deseja, mas a que simbolicamente é divulgada amplamente como o que deve ser consumido por um grupo de pessoas. Bourdieu (2004, p. 35) já tratava de violência simbólica em “O Poder Simbólico” quando explicitava “que nem parece que é violência, pois não se trata de coerção física, mas de questão econômica principalmente.”

Não tratar de algo físico nos remete à ideia da vigilância da torre, que tratava de cumprir a função de controle, a partir do “olho do poder”. Ser visto por um olhar

inominado no século XXI, com a luminosidade da prisão do *panopticon*, é ter a oportunidade de emissão de juízo de valor daquele que visualiza como objetivo secundário.

Esse reino da ‘opinião’, invocado com tanta frequência nessa época, é um tipo de funcionamento em que o poder poderá se exercer pelo simples fato de que as coisas serão sabidas e de que as pessoas serão vistas por um tipo de olhar imediato, coletivo e anônimo. Um poder cuja instância principal fosse a escuridão não poderia tolerar regiões de escuridão (FOUCAULT, 2015, p. 339).

As emissões de opiniões são condicionadas a regras que podem ser entendidas, também, como imposição violenta de uma opinião que se sobrepõe a outra, e resulta em uma regra. Por si só, as regras são corpos cheios de significados. Como o poder, elas precisam ser realizadas por uma prática social. Quem ganha o jogo é quem conhece e aplica bem as regras. Quem conhece o inimigo, pode subverter a sua dominação e utilizar as regras apoderadas contra o seu dominador. A guerra silenciosa é a mais letal. A sociedade sempre foi palco de várias delas e, por assim ser, a dominação silenciosa parece ser mais dócil que a física, mas não menos eficaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos de Foucault acerca do poder trazem à tona discussões que ultrapassam os propósitos de seus estudos iniciais, como a história das prisões. As reflexões, que podem ser feitas pelo ângulo de um entendimento de como o poder se estabelece no corpo social, proporcionam uma variedade de situações que podem ser analisadas sob o viés da vigilância.

De fato, toda sociedade é vigiada e, por isso, condicionada à existência de um poder que regulamenta e legitima regimes de verdade. Alguém se ocupará do lugar de dominador perante a um grupo de dominados. Deste modo, o poder é constitutivo daquele que o detém e se difunde de maneira sutil de indivíduo em indivíduo e, aos poucos, ramifica-se no cotidiano de um grupo social maior.

Trazer o *panopticon* de Benthan à discussão é primordial para esclarecer que independente das reações contra um sistema, que objetiva uma derrubada de poder, outro tipo de poder será logo alavancado. Uma sociedade é dependente de relações de poder. O

seu poder é visto como a sua verdade. Assim, as relações de poder e saber implicam-se mutuamente.

Ao jogo de xadrez, com a presença suprema do rei e utilidade do peão, acrescenta-se que as relações de um jogo de tabuleiro são muito similares aos jogos de poder de qualquer sociedade, seja a medieval, seja a do século XXI. Estar diante da vigilância do rei, que aguarda a movimentação e precisa de seu exército para tomar o poder do outro, é estar vigiado pela torre central do *panopticon*.

E mais, ser condicionado a regras estabelecidas por aquele que representa o Estado, o qual se preocupa com a manutenção de seu poder, é ter a possibilidade de ser aceito socialmente no grupo que acredita em um regime de verdade específico. Se um dos exércitos não utilizar estratégias bem pensadas, a guerra dará a vitória para o outro do lado campo de batalha. Relacionar o *panopticon* e o jogo de xadrez com a própria vida é sentir-se vigiado constantemente para não sofrer um xeque-mate.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames e a escrita de Si. In: _____. **O que é um autor**. Lisboa: Veja, 1992. p. 89-128.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FOUCAULT. Verdade e poder. In: _____. **Microfísica do poder**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. p. 4-45.

VALVERDE, João Batista. **Funcionamento do poder e dispositivo disciplinar em Foucault**. Goiânia: Fragmentos de Cultura, 1997.